



Marx por *Monsieur Attali*: a incongruência intelectual como guia

José Paulo Netto¹

Acaba de ser traduzida ao português uma biografia de Marx, escrita por Jacques Attali: *Karl Marx ou o espírito do mundo* (Rio de Janeiro/S. Paulo: Record, 446 pp., 2007, com caderno de fotos).

Os créditos atribuídos ao autor, que nasceu em 1943, são impressionantes: além de já ter escrito cerca de 20 livros de ensaios, 7 romances, 1 peça de teatro, 4 livros que a Librairie A. Fayard classifica como “de memórias” e 1 volume de histórias para crianças, esse senhor encontrou tempo e condições para assessorar François Mitterrand entre 1981 e 1990, para fundar um certo “Banco de Reconstrução e Desenvolvimento da Europa de Leste” e até para presidir uma entidade que atende pelo nome de “PlaNet Finance”, que – via Internet – alardeia microcrédito para países do Terceiro Mundo. Informado desse currículo, nenhum botocudo deveria

¹ Professor titular da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

colocar em dúvida a qualidade do que nos brinda *Monsieur Attali*: trata-se de mercadoria com grife francesa.

Sumariemos essa mercadoria que, por módicos (!) R\$60,00, é oferecida ao leitor brasileiro. O livro compõe-se de uma introdução e sete capítulos. Na introdução, *Monsieur Attali* nos esclarece que “nunca fui nem sou ‘marxista’ em qualquer sentido da palavra” (p. 13). Não há nada a objetar a partir dessa formulação; muitos não-marxistas, e até mesmo anti-marxistas, foram capazes de realizar competentes aproximações a Marx, polêmicas certamente, mas certamente qualificadas – entre vários, com pretensões e níveis diferentes, cite-se Francis Wheen, com o seu *Karl Marx* (Rio de Janeiro/S. Paulo: Record, 2001) ou ainda Raymond Aron, com *O marxismo de Marx* (S. Paulo: ARX, 2004). E *Monsieur Attali* diz mais: diz que hoje, “suas [de Marx] teorias, sua concepção de mundo foram universalmente rejeitadas; a prática política construída em torno de seu nome foi jogada no lixo da História” (p. 11).

Cabe perguntar, então, por que voltar-se para Marx? Segundo *Monsieur Attali* (que se refere a Marx de modo íntimo, sempre chamando-o de ‘Karl’, rotulando-o como “jornalista” e confessando tê-lo lido tardiamente), porque Marx foi o “primeiro a apreender o mundo como um conjunto ao mesmo tempo político, econômico, científico e filosófico”, empenhando-se em “abarcara a totalidade do mundo e das molas propulsoras da liberdade humana” – enfim, porque “ele [Marx] é o espírito do mundo” (p. 13).

A apreciação parece simpática – e essa pitada de simpatia é reiterada ao longo dos sete capítulos seguintes, mas sempre entremeada a reservas de natureza bem distinta. Dos sete capítulos, os primeiros seis procuram resgatar, em seqüência cronológica, o itinerário de Marx: o primeiro cobre do nascimento à chegada a Paris (1818-1843), considerando a família de origem, os anos universitários, as polêmicas intelectuais, a atividade na *Gazeta Renana*, o casamento e a decisão do auto-exílio; no segundo, a narrativa se inicia em outubro de 1843 e vai até meados de 1849, incidindo sobre o giro de Marx no sentido da ação revolucionária, a estância em Bruxelas, os confrontos filosófico-políticos conduzidos juntamente com Engels e a experiência de 1848; no terceiro, são focados os primeiros anos do exílio londrino (até março de 1856): as vicissitudes familiares, o rescaldo da *Liga dos Comunistas*, a prática jornalística; o quarto (1856-1864) trata do caminho que leva à *Contribuição à crítica da economia política*, privilegiando a atividade política que redundou na criação da *Associação Internacional dos Trabalhadores* (AIT); o quinto (1865-1871) tem por centro a complicada elaboração do livro 1 do *Capital*, mas volta-se também para as polêmicas internas da AIT e para a intervenção de Marx no drama da Comuna Parisiense; o sexto (1871-1883) ocupa-se das “últimas batalhas”, desde os desdobramentos da polêmica na AIT até a posição em face da nascente social-democracia alemã; enfim, o último capítulo (aliás, o mais fraco, a todos os títulos) quer mostrar como “Karl”, o “espírito do mundo”, foi distorcido e falseado pelos seus herdeiros, de Engels a Stalin, passando por Kautsky e Lênin, num registro já mais que desgastado – do gênero “Marx sim, marxistas não”.

No curso do texto, não há uma *única* informação nova, *nenhum* dado até agora desconhecido; vale dizer: *Monsieur Attali* não acresce em nada o

conhecimento histórico que se tem de Marx – o que, diga-se de passagem, não é demérito para uma obra de divulgação. E também não é propriamente um demérito o estilo frouxo, dispersivo, que pretende emoldurar os momentos mais importantes da vida de Marx com uma espécie de catálogo dos progressos científicos e técnicos que lhe foram contemporâneos.

A verdadeira questão posta por esse livro é outra: *sob grife francesa, a mercadoria é mesmo contrabando paraguaio* (com perdão dos bons paraguaios, do Paraguai e de seus melhores filhos, de Roa Bastos a Antonio Maidana).

Com os referidos R\$60,00, o leitor excursiona por aquele que talvez seja um dos mais expressivos circuitos destes tempos de pós-modernidade: o território da delinquência intelectual, caracterizado pelo psicologismo de botequim (ou seria de bistrô?), pela ignorância e pelo confucionismo historiográficos, pela incompetência e pela falsificação analíticas, pela incongruência e, de lambujem, por insinuações que beiram a infâmia ou são mesmo infamantes. Vejamos – na brevidade imposta por este espaço – tais características (medularmente articuladas umas às outras) da delinquência intelectual, tal como exercitada por *Monsieur Attali*.

É por demais conhecida a relação estabelecida – ontológica, histórica e logicamente – por Marx entre trabalho e sociabilidade, entre trabalho e humanização, relação com a qual Engels esteve sempre solidário. Pois bem: *Monsieur Attali* inventa (pois é mesmo de *invenção* que se trata) um novo Marx, um Marx que “no fundo [...] sempre detestou o trabalho, *apresentando-o desde o início de sua obra como principal causa da alienação* [...]” (p. 334; *itálicos meus* - JPN). Quem escreve tamanho absurdo fá-lo após “interpretar” os *Manuscritos de 1844* e discorrer sobre *O Capital*! *Monsieur Attali* não considera a elementar distinção entre trabalho e *trabalho alienado*. Para dizer a verdade, *Monsieur Attali* não tem a menor idéia da concepção marxiana de trabalho, como se pode constatar na sua ignorante dissertação acerca do trabalho produtivo e do trabalho improdutivo (esp. pp. 201-202).

Mas *Monsieur Attali* não se detém diante de nada: translada essa falsificada relação negativa de Marx para com o trabalho para o plano de suas características de personalidade – mencionando as aspirações literárias de Marx em 1836 e suas dificuldades para objetivá-las, *Monsieur Attali* doutrina dogmaticamente: “Manifesta-se então um traço de caráter que o acompanhará por toda a vida, influenciando profundamente a sua obra[:] a impossibilidade de considerar concluído um manuscrito, de permitir que uma obra se vá. [Marx] *deduzirá disto que todo trabalho é alienante*” (p. 36; *itálicos meus* - JPN). *Hélas!* O tratamento dado a Engels não é menos “psicológico”: quando, muito jovem, o pai impôs-lhe responsabilidades na empresa familiar, ele adquiriu “uma pertinaz aversão ao mundo do trabalho” (p. 51)!

A “psicologia” de *Monsieur Attali* dispensa qualquer comentário.

Uma amostra – uma entre inúmeras – expressiva do calibre analítico de *Monsieur Attali*, no qual se torna difícil separar a ignorância da incompetência, do confucionismo e da falsificação, é a passagem do segundo capítulo, em que ele se refere a *A essência do cristianismo*, de Feuerbach. Trata-se de um trecho ina-

creditável, verdadeiramente assombroso (p. 51-52): ele atribui a Feuerbach, em 1841, a idéia segundo a qual a “emancipação” só pode ser obra do “proletariado”!

A inépcia historiográfica de que dá provas *Monsieur Attali* é algo digno de registro. Fiquemos em poucos exemplos: contra toda uma documentação incontestável, segundo a qual a Economia Política só ingressa no horizonte intelectual de Marx ao fim do primeiro terço dos anos quarenta, *Monsieur Attali* afirma tranquilamente que, *entre 1837-1838*, Marx começa a “descobrir Adam Smith, Adam Ferguson, David Ricardo, François Quesnay, Boisguillebert...” (p. 38). Quando se refere ao *Manuscrito de Kreuznach*, *Monsieur Attali* confunde o texto de 1843 com a *Crítica a Hegel* publicada em 1844 (p. 65-66)! Mais irresponsável é o seu trato das *Teses sobre Feuerbach*: *Monsieur Attali* induz o leitor a considerá-las que são da lavra de Marx e Engels (p. 97)! As incongruências sobre o *Manifesto do partido comunista* são incontáveis: à p. 115, atribui-se o texto apenas a Marx, que o teria redigido em uma semana (prazo encurtado, na p. 231, para quatro dias), mas depois, à p. 154, enfim Engels aparece como co-autor. Para não nos alongarmos, eis mais uma prova do rigor historiográfico-textual de *Monsieur Attali*: a famosa carta a Joseph Weydemeyer (5 de março de 1852), na qual Marx menciona sua contribuição pessoal ao desenvolvimento da descoberta do papel das classes e suas lutas na sociedade moderna, esta carta é transformada por *Monsieur Attali* em um artigo constitutivo d’*O 18 brumário de Luís Bonaparte* (p. 164)!

As 446 páginas de *Monsieur Attali* são pródigas em falsificações travestidas de verniz interpretativo. Contra todas as evidências textuais e políticas, o douto biógrafo francês afirma que, para Marx, em 1859, “o motor da história é o desenvolvimento das forças produtivas, logo, a ciência” (p. 200, itálicos meus – JPN)! Mas isso é quase nada, diante da conclusão a que *Monsieur Attali* chega lendo *O capital*: “capitalismo e mercado são uma só e mesma coisa” (p. 252)! A “interpretação” de Marx por *Monsieur Attali* é, em todos os seus passos, realmente “criativa” – destaquem-se apenas estas duas pérolas: a partir da sua leitura, para Marx “o socialismo, definitivamente, só pode sair das urnas” (p. 333) e “são os indivíduos que fazem a História, não as massas” (p. 350)! É por essas e outras que *Monsieur Attali* pode referir-se ao “legalismo” de Marx, que se converte então no pai da “social-democracia” (p. 294) – recorde-se que *Monsieur Attali* é (ou foi) social-democrata à moda do último Mitterrand.

Sobre os textos marxianos (citados genericamente, apenas com referências a títulos, sem indicação precisa de páginas), *Monsieur Attali* opera o que já foi chamado de *a arte da tesoura*: monta e remonta argumentos, mescla passagens de obras diferentes, suprime e corta segundo sua vontade, sem qualquer critério, arbitrariamente – donde conclusões e inferências inteiramente absurdas, grosseiramente opostas à expressão límpida de Marx. A melhor amostra desse procedimento recorrente encontra-se à p. 311, onde *Monsieur Attali* se remete ao posfácio de Marx à segunda edição do livro primeiro d’*O capital* (1873). Trata-se do conhecido parágrafo no qual Marx observa que a emergência de formas explícitas e ameaçadoras das lutas de classes faz “soar o sino fúnebre da economia política burguesa”; pois bem: mediante a *arte da tesoura*, *Monsieur Attali* atribui a Marx a tese de que a comprovação de uma teoria é função da sua “eficácia política”!

No livro de *Monsieur Attali*, difícil é separar o ruim do péssimo. No entanto, o último capítulo, dedicado à herança e aos herdeiros de Marx, leva indiscutivelmente a palma: é realmente aquele em que a desinformação dá os braços à especulação irresponsável e o mais pródigo em insinuações infamantes. Estas últimas condensam-se especialmente em torno do destino do acervo de manuscritos e da documentação/correspondência que Marx deixou em mãos de Engels: *Monsieur Attali* constrói uma teoria conspirativa da luta por esses materiais, protagonizada por “agentes” do Partido Social Democrata alemão, na qual o velho Engels aparece como vítima (pp. 355, 358-359, 364-365).

Mas não se esperem quaisquer juízos sérios sobre o companheiro de luta de Marx: através de *Monsieur Attali*, ficamos sabendo que Engels, um mentiroso (pp. 347, 355), além de iniciar, no *Anti-Dühring*, “o processo de desencaminhamento da filosofia da liberdade” (p. 325), é também o “inventor” do “conceito de partido de vanguarda” (p. 352)!

E outros herdeiros não são poupados: sobre Kautsky, garante *Monsieur Attali* que sua colaboração com Engels mascara “seu único objetivo: levar os manuscritos de Marx” para a Alemanha (p. 355). Quanto a Lênin, *Monsieur Attali* não se limita a afirmar que no seu verbete sobre Marx, escrito para o *Dicionário Granat*, “tudo é falsificação ou, no mínimo, caricatura” (p. 381); isso não basta a *Monsieur Attali*, que vai adiante, ignorando olímpicamente o conteúdo explícito d’*O Estado e a revolução*: na mais descarada e desabusada mistificação, o letrado francês assevera que Lênin pensa a ditadura do proletariado como “a ditadura *definitiva* de uma minoria determinada” (p. 388; *italico meu* - JPN). E, no que toca a Stalin, o inventivo biógrafo de Marx não diz nada de diferente do que não tenha já sido repisado por todos aqueles que estabelecem a falsa conexão marxismo/leninismo/stalinismo (p. 407 e ss.).

A especulação de *Monsieur Attali*, nesse capítulo final, atinge as raías do incrível: depois de relatar as peripécias de Riazanov para obter e publicar textos marxianos, refere-se a uma alocução de 1923 desse editor de Marx para inferir, sem qualquer base probatória, que ele “sabe que seus dias estão contados” (p. 401). Ou seja: com Lênin ainda vivo, Riazanov “sabe”, *com uma década de antecipação*, “que seus dias estão contados”!

Enfim, como não poderia deixar de ser, sobra algo para Antonio Gramsci: de acordo com *Monsieur Attali*, “o filósofo Gramsci escreve em 1922² suas *Cartas do cárcere*, criticando o desconhecimento das questões econômicas entre os comunistas e investindo em particular contra um teórico que está na moda na URSS, Bukharin” (p. 403). Desinformação e confusão: as *Cartas do cárcere* são escritas a partir de 1926 (desse ano, conhecem-se 11 delas), abrindo um arco temporal que irá até 1937; não há qualquer base documental para afirmar que Gramsci critica “o desconhecimento das questões econômicas entre os comunistas”; e a crítica a Bukharin (precisamente ao seu *Teoria do materialismo histórico. Manual popular*

² Na edição francesa (J. Attali, *Karl Marx ou l'esprit du monde*. Paris, Fayard, 2007), o ano indicado (p. 526) é o de 1926.

de *sociologia marxista*) não comparece nas *Cartas*, mas num texto – certamente não anterior a 1927 – constitutivo dos *Cadernos do cárcere*.

As alusões infamantes perpassam o livro intermitentemente – por exemplo: à p. 193, remetendo-se aos anos finais da década de cinquenta, *Monsieur Attali* escreve que a “sua [de Marx] arte de falar mal de todo mundo e seu complexo de superioridade [transformaram-se] em delírio paranóico”). Nesse capítulo derradeiro, porém, elas se multiplicam. Uma única amostra, dentre várias: se, em várias passagens anteriores, *Monsieur Attali* observara a atenção extremada de Marx com seus filhos (pp. 149, 167, 178-179, 226), nesse último capítulo o mesmíssimo *Monsieur Attali* não vacila em assinalar que Marx “permite que os filhos morram de miséria sem fazer de tudo para ganhar melhor a vida” (p. 351)! Incongruência e infâmia.

A incongruência, produto da leviandade e da irresponsabilidade intelectuais, é uma das notas dominantes dessa biografia de Marx. Quando examinou (?) as idéias econômico-políticas de Marx, *Monsieur Attali* afirmou contundentemente que “*nada* do que Marx escreve pode ser corroborado empiricamente” (p. 271; itálico meu - JPN). Agora, na quase conclusão de seu livro, ele reitera uma de suas teses fundamentais sobre Marx, aquela segundo a qual “os fundamentos da sua teoria parecem ultrapassados” (p. 415). Mas, dez linhas abaixo, na mesma página (415), *Monsieur Attali* justifica seu interesse por Marx, asseverando tranqüilamente que a sua teoria “recobra todo o seu sentido no contexto da globalização de hoje, por ele prevista. Assistimos à explosão do capitalismo, à transformação radical das sociedades tradicionais, à ascensão do individualismo, à pauperização absoluta de um terço do mundo, à concentração do capital, à implantação das empresas em países terceiros, à mercantização³, ao desenvolvimento da precariedade, ao fetichismo das mercadorias [...]. Tudo isso fora previsto por Marx” (pp. 415-416). Ora, um mínimo de razoabilidade implicaria indagar como é que uma teoria “ultrapassada”, cujos enunciados “não são corroboráveis empiricamente”, pode recobrar “todo o seu sentido” e propiciar uma “previsão” tão certa?

Sejamos razoáveis: não exijamos de *Monsieur Attali* qualquer tipo de congruência – afinal, este senhor não vacila em prospectar que o capitalismo (com a diplomática reserva: se antes não destruir a humanidade!) pode ceder espaço a um “socialismo mundial”, no qual “o mercado poderia abrir lugar para a fraternidade” (p. 416)!

A delinqüência intelectual está sempre eximida de punição; no máximo, provoca notas críticas como a que o leitor tem diante dos olhos. Mas ela dá a medida do nível rastejante em que se movem hoje os ideólogos da social-democracia tardia e pusilânime, este campo ídeo-político que pouco a pouco se delineia como constitutivo da “terceira via” – e expõe, sem véus, a essência mistificadora de obras como a de *Monsieur Attali*.

Na sua biografia de Marx, *Monsieur Attali* propôs-se falar de seu biografado “com serenidade, seriedade e portanto de maneira útil” (p. 14). Não fez nada disso: confundiu, tergiversou, falsificou – como tantos outros delinqüentes intelectuais

³ Na edição francesa citada na nota anterior, lê-se (p. 542): “(...) aux délocalisations, à la marchandisation (...)”. A tradução lançada pela Record não pode ser acusada de excelente.

que, travestindo-se sob o manto da “serenidade” e da “seriedade”, não passam (como se diria no Rio de Janeiro do tempo de Astrojildo Pereira) de reles punguistas ideológicos.

Recebido em 18 de abril de 2008.
Aprovado para publicação em 17 de junho de 2008.